

A CHARNECA[1]

RODRIGO BISPO

Morávamos numa fazenda bem afastada da cidade mais próxima. A gleba fora nosso lar desde que me lembro, tendo nascido lá tanto eu quanto minha irmã Ana. Meus pais eram camponeses e extraíamos a quase totalidade de nossa subsistência da propriedade. Meu pai, homem forte e severo, falecera já havia alguns anos. Fora tolhido do mundo dos vivos por uma febre que levou consigo grande parte dos moradores daquela região no ano negro que marcou sua passagem.

Vivíamos uma vida mansa e sossegada.

Ocorre que um dia minha mãe foi acometida por dores lancinantes que lhe tomaram as forças e enfraqueceram seu corpo antigo. E a isso seguiu-se um acesso de febre fortíssimo que

[1] Conto escrito por Rodrigo Bispo em 01.03.13, por volta das 07:40

mandou-lhe de vez para o leito de seu quarto escuro.

Desesperado, temendo que a tal “calentura” – como ficou conhecida a febre que ceifara tantas vidas anos atrás – houvesse mais uma vez lançado seus tentáculos soturnos sobre nossa casa, tratei de selar um bom cavalo e, na companhia de nossos dois criados, rumei para a cidade deixando minha mãe aos cuidados de minha querida e frágil irmã.

A estrada para a cidade consistia num caminho pedregulhento e sinuoso que singrava as terras de várias famílias antes de fazer uma curva fechada para sudeste a cerca de duas léguas distante de minha casa, curva esta que ficava bem no dorso de um morro levemente íngreme.

No topo desse morro e em volta da parte da estrada que atravessava a elevação, havia uma pequena floresta de árvores empretecidas que guardava em seu coração uma charneca estéril e fedorenta que embaçava a vista com suas emanações de fumo esbranquiçado e gélido.

A estrada, infelizmente, passava em meio ao tal pântano e a vegetação que o circundava era tão crespa e fechada que não havia hipótese de travessia por outra parte que não as poças de líquido azeviche e borbulhante do charco mal cheiroso.

Devido aos supostos lamentos que se dizia ecoar dos arredores daquela mata durante a noite, o local ficou conhecido como cancela das lamentações pelos moradores da região. Sua fama a precedia e não faltavam histórias, as mais tétricas, sobre toda sorte de malefícios ocorridos aos infames viajantes que por ali passassem quando em viagem para as urbes.

Meus criados protestaram para que tomássemos outro caminho que levasse à cidade, informando-me que na direção oposta havia outra passagem, mais distante dos medicamentos que salvariam minha pobre mãe, contudo, mais segura.

Recusei liminarmente seus augúrios e lhes disse que poderiam eles mesmos voltarem para casa e se colocarem a fazer algo de utilidade pela

minha mãe, em vez de choramingarem feito crianças medrosas em momento tão impróprio. E percebendo minha ira desesperada, apesar de relutantes, não seguiram o conselho.

Sendo assim, prosseguimos os três em nosso caminho.

Adentrando a floresta escura por volta das quatro da tarde, alcançamos a charneca lamacenta pelas dezoito horas daquele dia agourento. E, a julgar pela luz escassa que conseguia atravessar a copa das árvores, parecia mesmo que eram dez horas da noite.

Estávamos todos muito assustados com as formas ominosas e sinistras da vegetação que cercava o local. Por vezes meus criados chamaram-me a atenção para os supostos vultos que se moviam por entre aquela ramagem doentia. Eu lhes censurava os sentidos afirmando que viam coisas na bruma densa que ocupava os espaços exíguos entre as árvores. Mas interiormente guardava certo horror daqueles movimentos diabólicos e apesar da vontade de evadir-me dali o

mais rapidamente possível, prossegui estrada à frente afastando o medo e colocando a imagem de minhas amadas parentas em seu lugar.

Desde que falecera meu pai, avoquei-me a responsabilidade pelo bem-estar do que sobrara de minha família, pois era o único filho homem. Chegando mesmo a desistir do casório com a filha do vizinho lindeiro para que pudesse velar pela minha idosa mãe e adorada irmã. E aquele não era o momento mais apropriado para que fraquejasse em meus desígnios.

A visão do pântano era bem mais terrífica que as histórias a seu respeito. E pude sentir nos ossos a gélida sensação de solitude daquele maldito lugar. Era um lamaçal imenso entrecortado por moitas espinhosas que exsudavam fogos-fátuos num aparente padrão bizarro. Havia um cheiro de morte e podridão por toda a orla do alagadiço. Um silêncio aziago somente interrompido pelo gemido de animais desconhecidos imperava naquele ermo.

Corriam historias assustadoras de que um bando de freiras desaparecera no interior da

floresta enquanto marchavam em procissão vindas da igreja da cidade. Desde então dizia-se que era possível ouvir as mulheres malditas gemendo suas desgraças quando a noite se amortalhava por sobre as árvores pitorescas.

Sendo-nos impossível seguir caminho devido ao avanço das horas e evidentes dificuldades e cansaço das cavalgaduras, tivemos de parar à entrada das terras úmidas. Os criados arengaram e mais uma vez lhes aconselhei voltar. Contudo, covardes que eram, contentaram-se em resmungar entre si e rezar enquanto montávamos nosso insólito acampamento.

Comemos as provisões trazidas em nossos alforges, encorajamo-nos mutuamente, fizemos uma prece conjunta e nos deitamos em nossos colchões de viagem sob o sereno da noite eterna que nos circundava.

O silêncio era fatal e perturbador. Algumas vezes um fogo-fátuo saltava fugazmente por entre as moitas de modo a quase nos matar de susto com aquela luminosidade doentia amarelo-azulada.

Contudo, após algum tempo de vigília involuntária, acabamos sendo derrotados pelo cansaço crescente e adormecemos um após o outro, caindo num sono pesado e merecido.

Acontece que no meio da noite fui acordado por um ruído que lembrava o choro de uma criança ao longe. O lamento ecoava no vazio enegrecido do vale.

Estando mesmo horrorizado pelo som aterrador, levantei-me de um salto e procurei instintivamente pelos criados para acordá-los e me certificar de não estar ficando louco ouvindo sons inexistentes no meio do nada. E qual não foi minha surpresa ao perceber que os desgraçados haviam-me abandonado, tomando rumo desconhecido enquanto eu estava entregue aos caprichos do sono.

Praguejei em voz alta. Gritei pelo nome de um dos serviçais desaparecidos. Não houve resposta. Pelo contrário. Mais uma vez ouvi a voz infantil lamentando e chorando na escuridão.

Atravessado pela compaixão e clemência à miserável alma infante perdida em tão funesto lugar, acendi o lampião que trazia a tiracolo e arqueei a mão por detrás da orelha esquerda aprumando o ouvido. Escutei então novamente o choro que agora parecia vir de uma certa direção ao sul de onde estava. Apanhei a arma que trazia na bolsa do cavalo, conferi a munição, calcei minhas botas e fui em direção ao som escabroso, sempre atento ao caminho para que não me perdesse em meio àquele inferno alagado.

Caminhei por cerca de meia hora atravessando o charco e ficando atolado algumas vezes, até que cheguei numa espécie de clareira onde jazia uma tapera em ruínas feita de estuque. A casinha estava totalmente às escuras e o som do choro parecia nitidamente vir de seu interior.

Fiquei meio atônito perante a visão perturbadora e enquanto piscava sem entender que sorte de lugar era aquele, me pareceu que uma figura esfumaçada esgueirou-se por sobre o telhado precário da velha tapera, indo introduzir-se